

Os Filhos Únicos na Transição para a Idade Adulta: Análise do seu Percorso Escolar e Profissional¹

António Castro Fonseca², Marta Oliveira³ e José Tomás da Silva⁴

Resumo

O objetivo principal deste artigo é examinar o desempenho académico e profissional dos filhos únicos no início da idade adulta. Os dados utilizados para esse efeito provêm de um estudo em que várias centenas de rapazes e raparigas da comunidade foram seguidos desde o ensino básico até ao fim da vintena. Os resultados mostraram que os filhos únicos tinham completado, em média, mais anos de escolaridade do que os seus pares; mas análises mais detalhadas por nível de escolaridade revelaram que a superioridade dos primeiros se circunscrevia ao segmento do ensino obrigatório. Por sua vez, no que diz respeito à transição da escola para o mundo do trabalho verificou-se que os filhos únicos começam a trabalhar mais tarde e têm menos empregos do que os seus pares com irmãos. Nenhuma diferença estatisticamente significativa foi encontrada nas outras medidas de desempenho académico e profissional. Por fim, discutem-se possíveis implicações destes resultados para a educação dos filhos únicos na escola, em casa e na família.

Palavras-chave: filho único; desempenho académico e profissional; jovens adultos

1 Trabalho efetuado no âmbito do Projeto PTDC/PSI-PED/104849/2008, financiado pela FCT.

2 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal. Email: acfonseca@fpce.uc.pt

3 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.

4 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal Email: jtsilva@fpce.uc.pt

The Only Children's Transition to Adulthood: Brief Research Report in their Academic and Professional Achievement

Abstract

The main goal of this paper is to analyze the academic and work achievement of the only children in their early adulthood. Data were taken from an ongoing longitudinal study that followed a large sample of participants from elementary public schools until their late twenties. Regarding academic attainment it was found that, as young adults, the only children had achieved more school grades than their peers; but when participants were distributed in two subsamples the differences between the only children and children with siblings disappeared in the last subsample. Regarding professional achievement, it was found that only children started to work later and took fewer jobs than their peers. No other differences were found between the two groups in the remaining variables of academic and professional achievement in early adulthood. Possible implications of these findings for education of the only child at school or in the family are discussed.

Keywords: only child; academic and professional achievement; young adults

Les Enfants Uniques dans la Transition de l'Adolescence pour l'Âge Adulte: Brèves Notes de Recherche sur leur Parcours Scolaire et Professionnel

Résumé

L'objectif principal de cet article est d'analyser le parcours scolaire et professionnel des jeunes adultes qui étaient des enfants uniques.

Les données ont été retirées d'une étude longitudinale qui a suivi un large échantillon de garçons et filles de la communauté dès l'école primaire jusqu'à la fin de la troisième décennie de vie.

Les informations sur la condition de fils unique et sur leur situation scolaire et professionnelle ont été recueillies par interview à l'âge adulte tandis que les données sur le niveau scolaire et l'âge des parents ainsi que sur les difficultés d'apprentissage des participants ici utilisés comme variables de contrôle, ont été obtenues à l'école primaire.

Les résultats ont montré que, en moyenne, les enfants uniques ont terminé plus d'années scolaires que les autres; mais dans une analyse plus détaillée les différences entre les deux groupes ont été trouvées seulement au niveau de l'enseignement secondaire (c'est à dire, la douzième année).

Concernant la transition pour le monde du travail, on a remarqué que les enfants uniques faisaient ce passage plutôt et avaient expérimenté plus d'

emplois que les enfants non-uniues. Aucune autre différence statistique était trouvée entre les deux groupes dans les mesures utilisées dans cette étude. Dans l'ensemble ces données contredisent les stéréotypes négatifs au regard des fils uniques sans pour autant appuyer l'idée, récemment suggérée par certains chercheurs, d'une certaine supériorité de ces enfants dans le domaine cognitif et scolaire. Les similarités semblent donc beaucoup plus fréquentes que les différences entre les deux groupes.

Des implications de ces résultats pour l'éducation de ces enfants à l'école ou dans la famille sont ici discutées.

Mots-clé: enfant unique; parcours scolaire et professionnel; jeunes adultes

Introdução

Há, no imaginário popular, diversas crenças relativas à condição de filho único, muitas delas de natureza negativa. Quando comparados com crianças que têm irmãos, os filhos únicos são frequentemente descritos como mais egoístas, isolados, dependentes, mimados, caprichosos e socialmente inadaptados. Essa crença encontrou eco em diversos trabalhos de psicologia e disciplinas afins, alguns já bastante antigos. É bem conhecida, a este respeito, a afirmação de Stanley Hall segundo a qual ser filho único é, em si mesmo, uma forma de doença. E ainda hoje, volvido mais de um século, quando instadas a indicar as características dos filhos únicos, muitas pessoas referem aspetos pouco lisonjeiros. A questão que então se coloca é a de saber até que ponto esses estereótipos se apoiam em dados da investigação empírica.

Bastante esquecida durante muito tempo, esta questão tem vindo a merecer ao longo das últimas décadas uma atenção crescente da parte de numerosos investigadores, como facilmente se deduz da quantidade de publicações que durante esse período sobre ela apareceram (Liu, 2017; McKibben, 1998; Newman, 2011; Pickhardt, 2008; Pitkeathley & Emerson, 1994; Sandler, 2013; Sorensen, 2008; Xinran, 2016). Várias razões parecem estar por detrás deste renovado interesse. Por um lado, existe a preocupação com a acentuada diminuição da taxa de natalidade; com as profundas transformações por que tem passado a instituição da família em muitos países, desde finais da segunda guerra mundial, designadamente o aumento das uniões de facto e da taxa de divórcios; com as questões colocadas pela política oficial do filho único na República Popular da China, em vigor desde 1997 e revogada em 2015. Por outro lado, há ainda a assinalar os grandes desenvolvimentos tecnológicos no domínio da comunicação que proporcionam às crianças, desde cedo, uma rede alargada de interações sociais com os seus pares (e.g., Internet) que poderão, pelo menos em parte, compensar a falta de irmãos na família.

O impacto que tais mudanças poderão exercer no desenvolvimento do indivíduo e designadamente na maneira como os filhos únicos são vistos e educados, não foi ainda suficientemente explorado nem esclarecido; mas vão-se acumulando, entretanto, dados que põem em causa vários aspetos da imagem tradicionalmente associada a esse grupo. Por exemplo, Falbo e colaboradores (Falbo & Hooper, 2015; Falbo & Polit, 1986; Falbo & Poston, 1993) mostraram que, de modo geral, os filhos únicos não apresentam características mais negativas do que os seus pares, podendo até revelarem-se melhores em certos domínios, designadamente o cognitivo e o escolar. Esta conclusão tem sido confirmada em trabalhos posteriores levados a cabo em diversos países (Liu, Lin, & Chen, 2010; Poston & Falbo,

1990; Tavares, Fuchs, Diligenti, Abreu, Rohde, & Fuchs, 2004). Isso não significa que haja sobre este ponto um consenso absoluto. Por exemplo Cameron, Erkal, Gangadharan e Meng (2013), comparando crianças nascidas na China, antes e depois da implantação da política do filho único em 1979, verificaram que as crianças nascidas após essa data eram menos altruístas, menos confiáveis e menos competitivas. Por sua vez, Chen e Liu (2014) não encontraram diferenças significativas entre filhos únicos e filhos primogênitos, noutro estudo com participantes chineses. A situação torna-se ainda mais complexa quando se consideram diferentes categorias de filhos únicos. Numa revisão da literatura (meta-análise), Falbo e Polit (1986) verificaram que, quando se comparava os filhos únicos com os filhos primogênitos ou com filhos de famílias pouco numerosas, a diferença nas provas de realização e de inteligência desaparecia. E num estudo mais recente, que envolvia estudantes do ensino superior chineses e de outros países, Chu, Khan, Jahn e Kraemer (2015) verificaram que a relação entre a condição de filho único e o nível de satisfação com a vida académica era maior entre os filhos únicos do que nos seus pares com irmãos, mas essa diferença não foi encontrada no caso de filhos únicos oriundos de famílias com um estatuto socioeconómico mais baixo nem no caso de filhos únicos não chineses.

No que diz respeito ao sucesso profissional são frequentemente referidos na história nomes de filhos únicos que se distinguiram nos mais diversos domínios, incluindo a ciência, a política, a economia, a cultura ou as artes. Basta lembrar, a este propósito, Leonardo Da Vinci, Isaac Newton, Hans Christian Andersen, Franklin Roosevelt, Mahatma Gandhi, Jean Paul Sartre, Alan Greenspan, John Lennon e muitos outros. A explicação para esse sucesso vocacional estaria no facto de o filho único na infância ser o alvo de todas as atenções da parte da família que para ele canaliza todos os recursos, materiais ou afetivos, e em relação a quem alimenta grandes expectativas. A Psicologia Vocacional tem mostrado algum interesse por estas matérias, especialmente no que respeita ao papel dos pais e da família no comportamento e desenvolvimento vocacional (e.g., Faria, Pinto, & Vieira, 2013; Pinto, Faria, & Vieira, 2012; Schulenberg, Vondracek, & Crouter, 1984), mas sobre o tema específico deste trabalho as investigações empíricas são raras e as suas conclusões pouco consensuais. Se, por um lado, há estudos que mostram que os filhos únicos têm mais sucesso na vida e ocupam posições de maior prestígio (Andeweg & Van Den Berg, 2003; Blake, 1981), por outro lado, também os há que não encontraram tais diferenças (Mott & Haurin, 1982) e, ainda, os que verificaram que os filhos únicos são menos empreendedores, mais pessimistas e menos capazes de tomar decisões arriscadas na vida adulta.

A justificação para a frequente divergência entre os resultados das várias pesquisas neste domínio residiria sobretudo nas limitações metodológicas que

muitas delas apresentam (Mancillas, 2006). Por exemplo, não houve até agora estudos que utilizassem amostras representativas a nível nacional, não se tem prestado a devida atenção ao efeito de outras variáveis suscetíveis de interagir com o efeito da condição de filho único e, ademais, não se tem analisado o efeito dessa condição em diferentes fases da vida do indivíduo (Trent & Spitze, 2011) nem se tem procurado identificar diferentes subgrupos de filhos únicos. Além disso, muitos dos estudos recentes sobre a condição de filho único são oriundos da China, onde esta política foi imposta pelo Governo Central às famílias, desconhecendo-se por isso até que ponto as suas conclusões serão válidas para os filhos únicos criados noutros países com políticas de natalidade e de apoio à família muito diferentes.

O presente artigo representa um pequeno esforço nesse sentido. O seu objetivo é examinar se um grupo de jovens adultos, criados como filhos únicos no concelho de Coimbra, se diferencia dos seus pares que não são filhos únicos no seu desempenho académico ou profissional. Num momento em que no nosso país o número de famílias com filho único tem vindo a aumentar e em que a questão da natalidade vai ganhando grande visibilidade na comunicação social e no debate político, esse esforço afigura-se-nos inteiramente justificado. É de lembrar, a este propósito, que nos Censos de 2011 do Instituto Nacional de Estatística, o Índice Sintético de Fecundidade (número de crianças por mulher em idade fértil) era de 1.21 para a zona centro de Portugal (INE, 2011); portanto bastante inferior ao registado algumas décadas atrás e inferior ao de vários outros países da Comunidade Europeia. As causas deste recuo da fecundidade, à semelhança do que sucede no resto da Europa, parecem ser várias, embora interligadas: emancipação da mulher, falta de recursos económicos, insegurança face ao futuro, entrada na maternidade cada vez mais tarde, uma maior preocupação com a qualidade da educação dos filhos, um nível escolar mais elevado das mães bem como diversos outros fatores associados à gestão das suas carreiras profissionais (Abele & Volmer, 2011; Amstad, Meier, Fasel, Elfering, & Semmer, 2011; Cunha, 2005). Perante este novo contexto sócio-histórico, ser filho único é um fenómeno cada vez mais comum, quase normativo e, conseqüentemente, a análise do impacto que essa condição poderá ter para o desenvolvimento e a educação na vida das crianças torna-se uma questão importante para pais, educadores ou decisores políticos.

No entanto, salvo raras exceções (Cunha, 2005; Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007), o estudo destes temas tem suscitado, até agora, muito pouco interesse da parte dos investigadores portugueses, designadamente no domínio da educação e do trabalho.

Metodologia

Participantes

Os dados aqui analisados são provenientes de um estudo em que várias centenas de crianças portuguesas representativas da comunidade foram seguidas e repetidamente avaliadas, desde o ensino básico até aos primeiros anos da vida adulta (Simões, Ferreira, Fonseca, & Rebelo, 1995; Sousa & Fonseca, 2014). A primeira avaliação teve lugar quando elas frequentavam o 2º e o 4º ano do ensino básico em diversas escolas públicas do Concelho de Coimbra em 1992-1993, enquanto a última avaliação decorreu quando já se encontravam no fim da vintena. Foram considerados filhos únicos os indivíduos que tivessem chegado até à idade adulta sem quaisquer irmãos. Assumiu-se que a possibilidade de um aumento da fratria nessa idade seria então muito remota e mesmo que acontecesse já não afetaria significativamente o seu percurso académico ou profissional.

Embora a amostra inicial fosse composta por 893 participantes, apenas 78% ($n = 697$) dessa amostra foi avaliada com as medidas aqui reportadas (incluindo-se neste subconjunto 357 rapazes e 340 raparigas). As suas idades, aquando da última avaliação, situavam-se entre os 26 e os 29 anos, na sua maioria.

Instrumentos e variáveis

As informações sobre a condição de filho único bem como sobre o desempenho académico e profissional foram obtidas através de diversas perguntas inseridas numa entrevista semiestruturada a que os participantes responderam, em situação individual, aquando da sua última avaliação, já na idade adulta. Algumas dessas perguntas incidiam sobre o número, sexo e idade dos irmãos bem como sobre a posição na fratria.

Na avaliação do desempenho académico utilizaram-se como critérios os anos de escolaridade concluídos, as repetências acumuladas ao longo do percurso académico até à idade adulta, o envolvimento em atividades de natureza cultural (e.g., hábitos de leitura) e o valor atribuído à educação. Por sua vez, entre os critérios utilizados na avaliação do desempenho/sucesso profissional incluíam-se a idade do primeiro emprego, o absentismo, o desemprego atual e o número de empregos já experimentados. Além disso, os participantes tiveram a oportunidade de responder

a uma escala de satisfação com a vida (SWLS; Diener, Emmons, Larsen, & Griffins, 1985) e a uma medida de sucesso pessoal desenvolvida especificamente para este estudo na qual se lhes perguntava até que ponto consideravam ter atingido os seus objetivos profissionais.

Finalmente, na primeira avaliação, quando os participantes se encontravam no 2º e no 4º ano do ensino básico, recolheram-se dados sobre as suas dificuldades de aprendizagem reportadas pelos professores bem como sobre a idade, o estatuto socioeconómico e o nível de escolaridade dos pais - variáveis que, de acordo com a literatura, podem interferir com a relação entre o estatuto de filho único e o desempenho escolar ou profissional.

Resultados

Na Figura 1 apresentam-se as percentagens de filhos únicos (e não únicos) no conjunto das duas coortes que participaram neste estudo. Como por aí se pode ver, a grande maioria dos participantes tinha um único irmão; a uma distância considerável perfila-se o grupo dos que tinham dois, logo seguido pelo grupo dos *filhos únicos*. A uma distância bastante maior situa-se o grupo dos que tinham 3 irmãos, finalmente seguido pelo grupo de participantes, muito raros, com quatro ou mais irmãos.

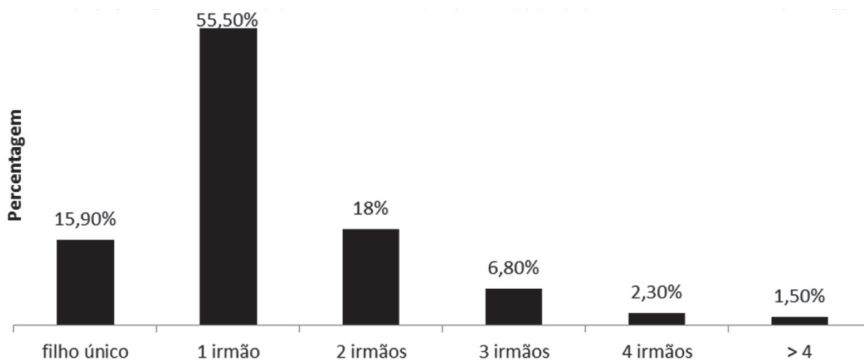


Figura 1. Percentagem de filhos únicos e de filhos com irmãos na amostra.

A percentagem de filhos únicos é bastante diferentes das obtidas noutros países, designadamente nos Estados Unidos da América onde a prevalência seria de 20% para os indivíduos abaixo dos 18 anos de idade (Sorensen, 2008), ou em Taiwan, onde Chen (2015) obteve uma percentagem de 5%. Em contrapartida, os valores

aqui referidos aproximam-se da prevalência reportada pelo INED em França, que se situaria entre os entre 10% e 17%. Convém lembrar a este propósito que os dados mais recentes sugerem que o número de casais com um só filho tem vindo a aumentar em Portugal (INE, 2011), que assim aparece como o terceiro país da União Europeia com mais filhos únicos (Mateus, 2013). Seria interessante verificar, em futuros estudos, se esta prevalência da condição de filho único será a mesma noutras regiões do país.

No Quadro 1 apresentam-se os resultados de uma comparação entre os dois grupos (filhos únicos e com irmãos) em diversas variáveis sociodemográficas. As diversas comparações efetuadas apenas revelaram diferenças estatisticamente significativas a respeito da idade dos pais, verificando-se que os filhos únicos tinham pais que, em média, eram mais jovens do que no grupo de filhos com irmãos. Os efeitos têm uma magnitude moderada, tanto para a idade dos Pais ($d = .49$) como para a das Mães ($d = .52$).

Quadro 1
Características sociodemográficas dos filhos únicos e dos filhos com irmãos (médias e desvios-padrão)

	Idade		Nível Escolar dos Pais		Idade do Pai***		Idade da Mãe***	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Filho único	27.63	1.77	7.29	3.30	54.33	3.83	51.87	5.02
Outros	27.89	1.84	7.30	3.58	56.59	5.36	54.43	5.64

*** $p < .001$

Em contrapartida, não se registaram diferenças significativas entre os dois grupos no que se refere à idade dos participantes, ao nível escolar dos pais ou ao sexo dos participantes (e.g., a percentagem de filho único do sexo feminino é de 52.6%, cifrando-se essa percentagem em 53.6% para as outras constelações familiares).

No Quadro 2 apresentam-se os resultados da comparação dos filhos únicos com os filhos sem irmãos em diversas medidas de desempenho académico através de uma série de ANCOVA's. Da sua análise conclui-se que, em média, os filhos únicos tinham completado, no início da idade adulta, mais anos de escolaridade do que os outros e essa diferença continuava estatisticamente significativa quando se controlava o efeito do nível escolar dos pais ou as dificuldades de aprendizagem dos participantes no ensino básico. Os resultados eram semelhantes para os homens e para as mulheres, não se tendo registado qualquer efeito de interação significativa entre condição de filho único e sexo. Ainda de acordo com este quadro, os dois grupos não diferiam entre si no número de repetências acumuladas ao longo do seu percurso académico nem na importância por eles atribuída à educação, nem nos seus interesses culturais (e.g., hábitos de leitura, aquisições de livros).

Quadro 2
 Comparação de filhos únicos e de filhos não únicos em múltiplos indicadores do desempenho acadêmico

	Anos de escolaridade*		Repetências		Cultura		Importância atribuída à educação	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Filho único	13.63	3.37	1.83	1.27	3.65	2.31	2.68	0.49
Outros	12.72	3.91	1.72	1.38	3.34	2.43	2.70	0.51

* $p < .05$

Uma análise mais detalhada das diferenças registadas entre os dois grupos nos anos de escolaridade completados revelou uma situação um pouco mais complexa. Quando se consideram separadamente três etapas no percurso escolar dos participantes, a saber, conclusão dos estudos secundários (12º ano), conclusão da licenciatura (que aqui corresponde ao 15º ano) e conclusão de mestrado ou de outro grau mais elevado (17º ano ou mais), verifica-se que as diferenças entre os dois grupos se situam apenas no subgrupo que não foi além do ensino obrigatório (12º ano). Ou seja, a percentagem dos filhos únicos que concluem o 12º ano é estatisticamente superior à dos seus pares com irmãos [$\chi^2(1, N=714) = 4.66; p = .02; \phi = .08$], mas o mesmo não se verifica em relação à conclusão do 15º ano [$\chi^2(1, N=714) = 1.42; p = .14; \phi = .04$] nem à conclusão de estudos de pós-graduação, ou seja, com 17 ou mais anos de escolaridade [$\chi^2(1, N=714) = 2.94; p = .06; \phi = .06$].

Uma possível interpretação para estes resultados é a de que os familiares dos filhos únicos investem mais na sua educação, até um certo nível (correspondente atualmente à conclusão da escolaridade obrigatória), mantendo-os durante mais tempo na escola, pondo à sua disposição mais recursos (e.g., materiais, atividades pós-escolares estruturadas, explicações, acompanhando-os na preparação regular dos trabalhos para casa ou simplesmente encorajando-os a não desistirem). Mas isso não significa que eles aprendam melhor, sejam mais inteligentes ou tenham carreiras académicas mais brilhantes do que os filhos não-únicos.

Uma vez que a grande maioria dos participantes neste estudo, aquando da sua última avaliação, já tinha efetuado a sua transição para o mundo do trabalho, foi possível comparar os dois grupos em diversos aspetos da sua carreira profissional. Os resultados dessa comparação encontram-se sintetizados no Quadro 3 e revelam diferenças estatisticamente significativas apenas em duas medidas. Concretamente, verificou-se que os filhos únicos começaram a trabalhar mais tarde do que os outros e (talvez por isso) tinham experimentado menos empregos. Porém, nenhuma diferença estatisticamente significativa se registou nos outros aspetos do desempenho profissional aqui contemplados, designadamente quanto ao grau de realização de

objetivos profissionais, percepção do nível de sucesso pessoal e da satisfação com a vida em geral. Importa ainda referir que, à semelhança do que já antes se verificara em relação ao desempenho académico, os resultados não se alteravam significativamente quando, através de uma análise de covariância (ANCOVA), se controlava o efeito do nível escolar dos pais bem como do sexo e das dificuldades de aprendizagem dos participantes.

Quadro 3
Comparação de filhos únicos e não-únicos no desempenho profissional

	Idade do 1º emprego***		Número de empregos *		Realização de objetivos profissionais		Satisfação com a Vida	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Filho único	20.29	3.09	1.88	1.14	4.77	2.06	17.80	4.90
Outros	18.95	3.54	2.18	1.01	5.18	2.09	17.72	4.45

* $p < 0.05$; *** $p < 0.001$

Análises adicionais com outras variáveis, utilizando o teste do qui-quadrado, revelaram que os filhos únicos faltavam menos ao trabalho do que os seus pares com irmãos, $\chi^2(1, N=688) = 3.94$; $p = .04$, não se registando, porém, diferenças significativas a nível da situação de desemprego durante os últimos 6 meses, $\chi^2(1, N=702) = .197$; $p = .65$.

Discussão e Conclusões

O principal objetivo deste estudo era examinar se, na vida adulta, as crianças criadas como filho único se distinguiam dos seus pares com irmãos em vários aspetos do seu desempenho académico e profissional.

Os resultados contradizem os estereótipos negativos tradicionalmente associados ao filho único e fornecem um apoio apenas parcial e muito modesto à hipótese, recentemente avançada por alguns investigadores, da superioridade dos filhos únicos nesses domínios.

Assim, no que diz respeito ao desempenho académico verificou-se que, de facto, os filhos únicos tinham completado, em média, mais anos de escolaridade que os seus pares com irmãos; mas essa diferença dizia respeito apenas à escolaridade obrigatória, ou seja, o 12º ano na forma atual do sistema de ensino português. Quando a análise incidiu sobre outros indicadores ou sobre outras fases do percurso escolar nenhuma diferença estatisticamente significativa foi encontrada entre os dois grupos. Uma explicação para esta discrepância em relação às outras medidas

de desempenho acadêmico poderá estar no facto de os filhos únicos beneficiarem desde cedo de um meio familiar mais rico e estimulante (e.g., a nível da linguagem e das interações com os adultos), terem mais motivação e estarem sujeitos a mais pressão da parte da família para continuar a estudar. Todavia, esse apoio parece não ser tão eficaz quando se trata dos estudos pós-secundários, onde os alunos se veem confrontados com novas matérias, novos colegas, novos métodos de ensino/aprendizagem, novas exigências de autonomia e menor proximidade ou apoio direto dos pais. Neste novo contexto, a superioridade do filho único vai diminuindo e acaba por desaparecer.

No que diz respeito ao desempenho profissional, as diferenças encontradas limitaram-se ao facto de os filhos únicos terem começado a trabalhar mais tarde e terem passado por menos empregos do que os filhos não-únicos – diferenças que são provavelmente um simples reflexo da sua escolaridade mais prolongada e consequente acesso a melhores empregos. Talvez por isso os filhos únicos referiam menos absentismo ao trabalho. Uma outra explicação possível é que as primeiras experiências laborais dos filhos únicos decorrerão frequentemente no seio da própria família e, portanto, serão acompanhadas de menos stress.

Em contrapartida, não se encontraram diferenças significativas nas outras medidas de desempenho profissional aqui utilizadas. De qualquer modo, estes resultados devem ser interpretados com alguma prudência, uma vez que o percurso laboral dos participantes neste estudo era, à data da última avaliação, relativamente curto, havendo mesmo vários participantes que ainda não tinham completado a transição da escola para o mundo de trabalho. Seria, por isso, interessante averiguar futuramente se os filhos únicos, quando comparados com outras configurações na fratria, estão mais preparados para enfrentar as múltiplas transições de carreira (e.g., emprego-desemprego, desemprego-reemprego, emprego-escola-emprego) com que se irão deparar ao longo da vida (Fouad & Bynner, 2008; Krumboltz, Foley, & Cotter, 2013).

Por outro lado, extrapolando a partir de alguns trabalhos que têm examinado as interações pessoa – ambiente, quer numa ótica desenvolvimentista (e.g., Vondracek, Ford, & Porfeli, 2014; Vondracek & Kawasaki, 1995), quer numa ótica dos sistemas familiares (e.g., Faria et al., 2013; Lopez, 1992) ou da perspetiva teórica da aprendizagem (e.g., Lent, Brown, & Hackett, 1994; 2002) seria pertinente futuramente examinar mais detalhadamente o efeito que a posição na fratria pode ter em variáveis mediadoras e/ou moderadoras do comportamento e do desenvolvimento vocacional. Até agora, a investigação tem sobretudo prestado atenção às variáveis de resultado (como aquelas que foram investigadas neste trabalho), mas de futuro julgamos ser importante que as investigações se dirijam mais diretamente para o

estudo das variáveis relacionadas com os processos implicados em comportamentos vocacionais relevantes, como é caso da autoeficácia, da exploração vocacional ou da adaptabilidade de carreira. Essas análises permitiriam averiguar quais os mecanismos que medeiam o hipotético efeito da condição de filho único em resultados psicossociais relevantes como os que foram alvo desta investigação (e.g., estatuto de emprego/desemprego; realização pessoal e profissional; satisfação com a vida).

Por exemplo, a teoria social cognitiva de carreira (Lent et al., 1994; 2002) para explicar a seleção, a persistência e o nível de realização em diferentes domínios educativos e profissionais apela a um conjunto de variáveis pessoais (e.g., autoeficácia, expectativas de resultado, objetivos) e contextuais, tanto distais (e.g., antecedentes familiares, situação social/económica) como proximais (e.g., apoios e barreiras sociais) que reciprocamente se influenciam e conjuntamente afetam uma miríade de resultados de carreira relevantes (e.g., seleção de uma atividade profissional, persistência e resiliência quando surgem dificuldades e obstáculos à sua implementação). Ora, no quadro desta teoria, a condição de filho único pode ser concetualizada como uma variável contextual (englobando as experiências de vida, as vantagens/desvantagens familiares decorrentes desse estatuto, tal como foram resumidas por Mancillas, 2006) que condicionaria o desenvolvimento das variáveis cognitivas (expectativas de controlo pessoal) que por vez teriam impacto nas escolhas e na performance em distintos domínios. Esta é certamente uma linha de investigação que valerá a pena aprofundar em futuros trabalhos.

Concluindo, os resultados do presente estudo fornecem pouco apoio à tese recente da superioridade dos filhos únicos sobre os seus pares com irmãos no domínio escolar ou profissional e menos ainda à tese, mais antiga e generalizada, da sua inferioridade nessas mesmas áreas. Por outras palavras, os filhos únicos não parecem ser melhores nem piores do que os outros na sua vida adulta. É possível que eles apresentem no início da sua escolaridade alguns pequenos défices a nível da socialização, mas essa lacuna parece ser depressa ultrapassada, sem afetar o seu rendimento académico, provavelmente devido à interação diária com os colegas.

Nesse sentido, é importante que as pessoas que com eles lidam mais de perto, designadamente pais, educadores e professores, não se deixem influenciar pelas crenças frequentemente associadas a estas crianças (e.g., Mancillas, 2006). É que um tal perigo não é apenas imaginário. Tais crenças relativas aos filhos únicos continuam vivas na mente do cidadão comum e os dados da psicologia social têm mostrado que, embora os estereótipos assentem mais no folclore ou na imaginação popular do que na verdade dos factos, as suas consequências negativas para a vida das pessoas podem, mesmo assim, ser bem reais.

Referências bibliográficas

- Abele, A. E., & Volmer, J. (2011). Dual-career couples: Specific challenges for work-life integration. In S. Kaiser et al. (Eds.), *Creating Balance?* (pp. 173-189). Berlin: Springer-Verlag. doi: 10.1007/978-3-642-16199-5_10
- Amstad, F. T., Meier, L. L., Fasel, U., Elfering, A., & Semmer, N. K. (2011). A meta-analysis of work-family conflict and various outcomes with a special emphasis on cross-domain versus matching-domain relations. *Journal of Occupational Health Psychology, 16*(2), 151-169. doi: 10.1037/a0022170
- Andeweg, R. B., & Van Den Berg, S. B. (2003). Linking birth order to political leadership: The impact of parents or sibling interaction? *Political Psychology, 24*(3), 605-623.
- Blake, J. (1981). The only child in America: Prejudice versus performance. *Population and Development Review, 7*(1), 43-54.
- Cameron, L., Erkal, N., Gangadharan, L., & Meng, X. (2013). Little emperors: Behavioral impacts of China's one-child policy. *Science, 339*, 953-957.
- Chen, W.-C. (2015). Academic performance of only children who monopolize parental resources: The case of Taiwan. *Sociological Perspectives, 58*(4), 609-626. doi: 10.1177/0731121415578289
- Chen, Z., & Liu, R. X. (2014). Comparing adolescent only children with those who have siblings on academic related outcomes and psychosocial adjustment. *Child Development Research*. doi: 10.1155/2014/578289
- Chu, J. J., Khan, M. H., Jahn, H. J., & Kraemer, A. (2015). Only-child status in relation to perceived stress and studying-related life satisfaction among university students in China: A comparison with international students. *PLoS ONE, 10*(12): e0144947. doi: 10.1371/journal.pone.0144947
- Cunha, V. (2005). A fecundidade das famílias. In K. Wall (Org.), *Famílias em Portugal: Percursos, Interações, Redes Sociais* (pp. 395-464). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Grifflins, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment, 49*(1), 71-75.
- Falbo, T., & Hooper, S. Y. (2015). China's only children and psychopathology: A quantitative synthesis. *American Journal of Orthopsychiatry, 85*(3), 259-274. doi: 10.1037/ort0000058
- Falbo, T., & Polit, D. F. (1986). Quantitative review of the only child literature: Research evidence and theory development. *Psychological Bulletin, 100*(2), 176-189.
- Falbo, T., & Poston, D. L. (1993). The academic, personality, and physical outcomes of only children in China. *Child Development, 64*(1), 18-35.
- Faria, L. C., Pinto, J. C., & Vieira, M. (2013). Construção da carreira: O papel da percepção dos filhos acerca dos estilos educativos parentais na exploração vocacional. *Psicologia Reflexão e Crítica, 28* (1), 194-203. doi: 10.1590/1678-7153.201528121
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia, 24*(3), 297-304.
- Fouad, N. A., & Bynner, J. (2008). Work transitions. *American Psychologist, 63*, 241-251.
- INE (2011). *Censos de 2011*. Lisboa: INE.
- Krumboltz, J. D., Foley, P. F., & Cotter, E. W., (2013). Applying the happenstance learning theory to involuntary career transitions. *Career Development Quarterly, 61*, 15-26.

- Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G. (1994). Toward a unifying social cognitive theory of career and academic interest, choice and performance. *Journal of Vocational Behavior, 45*, 79-122.
- Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G. (2002). Career development from a social cognitive perspective. In D. Brown & Associates, *Career choice and development* (4th ed., pp. 255-311). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Liu, R. X. (2017). *How are Chinese only children growing: A biological systems perspective*. New York: Springer.
- Liu, R. X., Lin, W., & Chen, Z. (2010). School performance, peer association, psychological and behavioral adjustments: a comparison between Chinese adolescents with and without siblings. *Journal of Adolescence, 33*, 411-417.
- Lopez, F. (1992). Family dynamics and late adolescent identity development. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Handbook of counseling psychology* (pp. 251-283). New York: John Wiley.
- Mancillas, A. (2006). Challenging the stereotypes about only children: A review of the literature and implications for practice. *Journal of Counseling & Development, 84*, 268-275.
- Mateus, A. (2013). *25 anos de Portugal europeu: a economia, a sociedade e os fundos estruturais*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- McKibben, B. (1998). *Maybe one: A case for smaller families*. NY: Simon & Schuster.
- Mott, F. L., & Haurin, R. J. (1982). Being an only child: Effects on educational progression and career orientation. *Journal of Family Issues, 3*(4), 575-593. doi: 10.1177/019251382003004008
- Newman, S. (2011). *The Case for the only child: Your essential guide*. Deerfield Beach (Fla.): Health Communications, Inch.
- Pickhardt, C. E. (2008). *The future of your only child: How to guide your child to a happy and successful life*. NY: Palgrave Macmillan.
- Pinto, J. C., Faria, L., & Vieira, M. (2012). Estilos educativos parentais e exploração vocacional de jovens: A influência de fatores sociodemográficos. In L. S. Almeida, B. D. Silva & A. Franco (Coords.), *Atas do II Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos"* (pp. 17-27). Braga: Universidade do Minho.
- Pitkeathley, J., & Emerson, D. (1994). *The only child: How to survive being one*. London: Souvenir Press.
- Poston, D. L., & Falbo, T. (1990). Academic performance and personality traits of Chinese children: "Onlies" versus others. *American Journal of Sociology, 96*, 433-451.
- Sandler, L. (2013). *One and only: The freedom of having an only child, and the joy of being one*. New York: Simon & Schuster.
- Schulenberg, J. E., Vondracek, F. W., & Crouter, A. (1984). The influence of the family on vocational development. *Journal of Marriage and the Family, 46*, 129-143.
- Simões, A., Ferreira, J. A., Fonseca, A. C., & Rebelo, J. A. (1995). Um estudo dos distúrbios do comportamento e dificuldades de aprendizagem no ensino básico: Opções metodológicas. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 26* (3), 55-68.
- Sorensen, B. (2008). *Only-child experience and adulthood*. London: Palgrave MacMillan.
- Sousa, B., & Fonseca, A. C. (2014). Tornar-se adulto em Portugal no início do século XXI: elementos para um retrato. In A. C. Fonseca (Ed.), *Jovens Adultos* (pp. 65-86). Coimbra: Nova Almedina.

- Tavares, M. B., Fuchs, F. C., Diligenti, F., Abreu, J. R. P., Rohde, L. A., & Fuchs, S. C. (2004). Características de comportamento do filho único vs filho primogênito e não primogênito. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(1), 17-23.
- Trent, K., & Spitze, G. (2011). Growing up without siblings and adult sociability behaviors. *Journal of Family Issues*, 32(9), 1178-1204.
- Vondracek, F. W., Ford, D., & Porfeli, E. (2014). *A living systems theory of vocational behavior and development*. Rotterdam: Sense Publishers.
- Vondracek, F. W., & Kawasaki, T. (1995). Toward a comprehensive framework for adult career development theory and intervention. In W. B. Walsh & S. E. Osipow (Eds.), *Handbook of vocational psychology: Theory, research and practice* (pp. 111-141). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Xinran, X. (2016). *L'Enfant unique*. Paris: Editions Philippe Picquier.